



## O VÍCIO NACIONAL: SÁTIRA AO JOGO DO BICHO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

**Bruna Costa Pinto<sup>1</sup>**  
**Universidade Federal do Maranhão (UFMA)**

**Resumo:** No início dos primeiros anos da República surgiu uma loteria ilícita denominada jogo do bicho. Essa prática foi reprimida pelo Governo brasileiro, não só por representar uma ameaça às loterias federais e conseqüentemente aos cofres públicos, como também às elites, por não se enquadrar nos modelos que estavam em voga na época, inspirados nos ideais da *Belle Époque*, que visavam adequar o país a modelos de sociabilidade burgueses, os quais valorizavam o trabalho. Para disseminar na população que o jogo era uma atividade danosa, foram utilizados diversos recursos, como caracterizar o mesmo como um cancro social que deveria ser exterminado. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) expressou em seus folhetos uma certa resistência à nova jogatina, indo ao encontro de muitos dos ideais colocados no imaginário coletivo, como os de que o jogo era uma atividade prejudicial e de que não representava um exercício de pessoas que desejavam ganhar a vida honestamente. Para isso, utilizou a sátira e, por meio dela, criticou os jogadores e vendedores da nova modalidade, como acontece nos seus folhetos *A Morte do Bicheiro* (1912), *O homem que vendeu o santo para jogar no bicho* (1911) e *A ausência dos bichos* (1910). Diante disso, este trabalho objetiva analisar como essa atividade ilícita é representada dentro das narrativas, e como o poeta faz uso da sátira para criticar esse novo jogo presente na sociedade da época. Para fundamentar a nossa pesquisa, utilizamos os trabalhos de Frye (1973), Hansen (1989) entre outros autores.

**Palavras-chave:** Sátira; Jogo do Bicho; Leandro Gomes de Barros; Primeira República.

*The National Addiction: Satire to the “jogo do bicho” in first Republic*

---

<sup>1</sup> Discente do curso de licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Email: brunacost1818@gmail.com. Este artigo é fruto de uma pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, financiada pela Fundação de Amparo à pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Esta pesquisa faz parte do projeto intitulado Narrativas e Ilustrações Populares, sob a orientação do prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira. Email: fabiolittera@yahoo.com.br.

**Abstract:** In the Republic first years arised an illicit lottery named “jogo do bicho”. That practice was not allowed by the Brazilian government, not only for representing a threat to the federal lottery and consequently to the public coffers, but also to the elites, for not to fit in at the models at that time, inspired in the *Belle Époque* ideals, that aimed to adapt the country to the sociability bourgeois models, that valued the work to disseminate to population that the game was an harmful activity, it were used several resources, like to characterize the game as a social social cancer that should be exterminated. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) expressed on his brochures a certain resistence to the new gambling, going against of the many collective imaginary ideals, like the game it was an harmful activity and did not represented an exercise of people who wished to earn a living honestly. For this, Leandro Gomes made use of satire to criticize players and sallers of the modality, as it happens in his brochures *A morte do bicheiro* (1912), *O homem que vendeu o santo para jogar no bicho* (1911) e *A ausência do bicheiro* (1910). This paper aimed to analyze how that ilicit activity was represented into the narratives, and how the poet makes use of satire to criticize the new game present in society at that time. To support our research, we used the works of Frye (1973), Hansen (1989), among other authors.

**Keywords:** Satire; Jogo do bicho; Leandro Gomes de Barros; First Republic.

## Introdução

O jogo do bicho surgiu em 1892, no Rio de Janeiro, então capital da República. Em pouco tempo, essa prática foi proibida pelo Governo Federal. Isso ocorreu em 1895, ou seja, apenas três anos após seu surgimento. Essa jogatina passou a ser inserida no rol das loterias ilícitas, entre as modalidades caracterizadas como “jogos de azar”. Apesar desse combate ao jogo, o mesmo resistiu, prova disso é a sua forte presença no cotidiano da sociedade da República Velha, como também sua permanência como prática social presente na cultura brasileira.

Pouco tempo depois do seu surgimento, essa prática se expandiu pelo Brasil chegando às cidades nordestinas. O poeta Leandro Gomes de Barros (1865-1918), nascido no município de Pombal, interior da Paraíba, foi um pioneiro ao conciliar atividade literária e edição de cordéis no Brasil, sendo considerado o rei dos poetas populares do seu tempo.<sup>2</sup> O autor em alguns de seus folhetos de cordel, retrata o que ocorria na sua época e evidentemente não deixou de retratar essa “novidade”. Esse acontecimento do seu tempo foi mostrado pelo seu viés

---

<sup>2</sup> O cordel se trata de uma literatura em formato de versos e que compõe a nossa cultura popular. Ele pode apresentar diversas modalidades, desde a “parcela” até o “galope à beira-mar”, como também uma variedade de temáticas, a exemplo da presença do maravilhoso até críticas ao Governo. De acordo com Suassuna (2012), a literatura de cordel que compõe o Romanceiro Popular do Nordeste é imensamente importante, pois é uma produção que nos liga às tradições de outros povos, como os do mediterrâneo, dos quais somos herdeiros e de quem tomamos como base muitas produções. Apesar da herança indicada, é uma literatura nossa, que reflete as características do povo brasileiro, suas aspirações e seus anseios. Uma literatura que está em constante renovação e atualização, e dotada de um grande poder de penetração e comunicação.

satírico, que tratou de criticar os indivíduos que estavam inseridos na nova prática. Para isso, o autor faz uso de narrativas com indivíduos que são constantemente satirizados por se envolverem nesse jogo ilegal, como os jogadores e vendedores da nova jogatina.

O jogo do bicho, nos folhetos do cordelista, é representado constantemente como um malefício para a sociedade, já que ele provoca a falência, a dependência e a decadência moral dos personagens que, de diversas maneiras, estão no contexto do jogo. Para realizar essas críticas, o autor faz uso de narrativas com personagens retratados de maneira negativa, os quais são sempre os jogadores, os bicheiros e os vendedores do jogo do bicho, e mais raramente os banqueiros, que são os verdadeiros donos do capital dessa prática. Ademais, o jogo representa um ponto negativo da República, cujos valores Gomes de Barros não se faz adepto e acaba atribuindo a culpa dessa nova jogatina ao Governo:

No tempo da monarchia  
Os homens tinham capricho,  
Os pobres tinham dinheiro  
Que botavam até no lixo.  
Homem não pagava imposto  
Mulher não jogava bicho.

Então chegou a republica  
Trouxe logo o desespero  
Rico não teve mais paz  
Pobre não viu mais dinheiro,  
Ganha trez, um para casa  
Dois para o imposto e banqueiro. (BARROS, 1912, p. 1)

Esses versos do folheto *A morte do bicheiro* nos mostram como o autor não simpatizava com o novo jogo. Verifica-se nos seus folhetos, como no trecho presente acima, que o escritor, saudosista dos tempos monárquicos, geralmente culpabiliza o Governo republicano por três questões que são recorrentes nas suas obras de cunho satírico: os aumentos significativos dos impostos; a modernidade, que, segundo o escritor, teria proporcionado mudanças negativas, principalmente em relação às mulheres, que passaram a ter condutas diferenciadas; e o jogo do bicho, que veio trazer malefícios para a sociedade.

O nosso estudo pretende analisar, mesmo que brevemente, este último aspecto ligado à jogatina. A motivação deste trabalho foi a grande quantidade de folhetos do autor que retratam o jogo do bicho como temática principal ou mesmo secundária, nos quais quase sempre os usuários e vendedores dessa prática são mostrados de maneira satirizada. Por causa disso, objetivamos analisar como o jogo é representado dentro das narrativas e como ocorre a sátira ao vício dos personagens, mais especificamente nos folhetos *A Morte do Bicheiro* (1912), *O homem que vendeu o santo para jogar no bicho* (1911) e *A Ausência dos bichos* (1910).

## O jogo do bicho na Primeira República

O jogo do bicho surgiu no Brasil há pouco mais de um século. Nos primeiros anos de sua existência, essa prática conviveu com um período de grandes mudanças, que ficou conhecido como *Belle Époque*. O Brasil acabava de passar do estado imperial para o republicano. Esse fato, obviamente, trouxe transformações para o país, que passou a incorporar novos hábitos e condutas inspirados em modelos europeus. Em decorrência disso, tanto o Estado como a elite dirigente buscaram eliminar certas práticas que não se enquadrassem nos ideais propostos. O jogo do bicho foi uma das atingidas por essas medidas.

De acordo com Herschmann e Lerner (1993, p. 16-17), a sociedade da capital da República foi palco de várias intervenções por parte do Estado, no período que ficou conhecido como *Belle Époque*, pois objetivavam modernizar, não só o Rio de Janeiro, como também o país, incorporando-os no “concerto das grandes nações”. Para isso, uma das estratégias adotadas foi tentar incorporar no trabalho e na produção as classes sociais menos privilegiadas; contudo, isso não ocorreu de forma tranquila. Por isso, o Governo passou a usar algumas táticas, como:

[...] a elaboração de manuais no sentido de orientar os trabalhadores no período de lazer, sugerindo a eles que se afastassem de vícios como o álcool e os jogos classificados como “de azar” e que se aproximassem de uma “vida edificante”. Inicia-se, a partir dos últimos anos do século XIX, contando com o apoio de parte da imprensa, campanhas contra o feio, o antigo, o mundano, que tinham como objetivo produzir uma conduta a ser seguida pela sociedade. Esquadrinham-se as diferenças entre o lazer fino e pobre, o permitido e o proibido. Embutidos nessa codificação, encontravam-se alguns dos jogos e esportes mais polêmicos: o Jogo do bicho, a briga-de-galo, a capoeira e o Futebol. (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 17-18)

Partindo disso, observamos como havia uma tentativa de incutir na população ideais voltados para a disciplina, o trabalho e a moral. Objetivavam afastar os indivíduos de atividades consideradas degradantes e que fossem divergentes dos modelos propostos. Nesse novo “projeto” a ser seguido, práticas ilícitas, como o jogo do bicho, obviamente não estavam inseridas, pois geralmente estavam associadas ao vício, ao álcool e a formas alternativas de se ganhar dinheiro:

O jogo oferecia mais do que um refúgio financeiro. Quando ocorria a vitória, amenizava as dificuldades da vida que na esperança de ganhar a aposta, fugiam da monotonia diária. Enquanto uns preferiam o álcool e a prostituição, outros praticavam jogos. Isso, quando não praticavam ambos. A fuga da luta cotidiana e a esperança de receber do jogo a sorte de melhoria da vida, fomentava os jogadores otimistas que, num momento de insucesso,

acreditavam que a sorte estava por vir, possivelmente, ganhariam no dia seguinte. Já os pessimistas aumentavam as desilusões com as perdas e somavam outros vícios maléficis (álcool) com o objetivo de esquecer o que perderam. (GASPARIN, 2007, p. 43)

Pode-se inferir, a partir disso, que o jogo, mesmo representando uma forma de lazer para as classes mais pobres e uma esperança de melhoria de vida, também era atrelado a atividades degradantes, viciosas. Isso representava uma das preocupações das autoridades, em relação a essa prática, uma vez que ela desvencilhava os trabalhadores de um trabalho árduo, diário e honesto, em uma capital que tentava se constituir como uma sociedade urbano-industrial, sob o lema “Ordem e progresso”. Nesse sentido, Kelling (2004) nos diz que o jogo do bicho representava uma ameaça aos paradigmas sociais, que prezavam por uma imagem do trabalhador honesto, que sustentava sua família com o suor do seu rosto, em um trabalho digno. Entretanto, esses não eram os únicos receios do Governo em relação aos jogos de azar, principalmente ao jogo do bicho. Segundo a autora, um dos motivos das autoridades coibirem e proibirem essa prática seria a concorrência com as Loterias Federais:

[...] é possível inferir que, no momento em que o jogo começou a oferecer concorrência para as loterias autorizadas e realizadas pelo governo federal, atrapalhando seus lucros, ele transformou-se em algo mais do que num perigo social, numa ameaça aos cofres públicos. Desta forma, as autoridades responsáveis foram impelidas a tomar uma atitude firme contra a prática do jogo do bicho, e teve início a repressão efetiva. (KELLING, 2004, p. 58)

Para realizar o combate efetivo a essa jogatina, alguns recursos foram adotados, entre eles o impedimento legal da prática: “sabe-se que a proibição oficial do jogo do bicho aconteceu por meio do decreto n. 133, de 10 de abril de 1895” (KELLING, 2004, p. 58). Um outro meio que ajudou no combate desse jogo ilícito, pelo menos em parte, foi a imprensa, que mostrava os perigos do jogo. Como assinala Gasparin (2007, p. 32), existiam várias campanhas que com o auxílio da imprensa divulgavam a proibição de alguns jogos, entre eles o jogo do bicho, e mostravam como essa prática fazia parte do “lazer pobre”, e que os trabalhadores deveriam se afastar dos jogos e do álcool. Para demonstrar que esse jogo era visto como um malefício para a sociedade, recorreremos ao comentário do literato e jornalista, Olavo Bilac:

Onde a incoerência e a contradição, num bom jornal moderno se mostram mais claramente, é na comparação do domínio da redação com o domínio dos anúncios. **Não há, por exemplo, no Rio de Janeiro um só jornal, que, no seu artigo de fundo, nas suas crônicas e nas suas notícias, se atreva a dizer que o jogo-do-bicho não é uma chaga social; todos os jornais declaram que essa jogatina ignóbil é um vício desmoralizador e funesto....** Entretanto, todos eles (com exceção apenas do grave Jornal do Commercio)

publicam anúncios e ‘palpites’ dessa genial invenção do barão de Drummond. (apud SCHERER, 2008, p. 58-59 – grifo nosso)

Diante deste comentário, é interessante entender como o jogo do bicho era um assunto recorrente na maioria dos periódicos que circulavam na Capital Federal, e como estes representavam importantes veículos de propagação de informações para a sociedade. Além disso, desde o início havia um entendimento de como a jogatina seria prejudicial para a mesma. Bilac também esclarece que existia uma contradição por parte desses jornais, pois, se, por um lado, disseminavam o aspecto negativo dessa prática, por outro, colocavam anúncios e palpites relacionados ao jogo. Tudo isso revela como essa prática possuía uma visibilidade dentro da sociedade e como os periódicos aproveitavam da demanda em torno da temática visando estratégias comerciais. De acordo com Herschmann e Lerner (1993), esses periódicos tiveram uma importante participação na consolidação dessa prática, pois o trabalho com a divulgação de palpites e resultados auxiliou na popularização do jogo.

A partir dessa breve discussão sobre os aspectos históricos que o jogo assumiu no início do período republicano, pretendemos mostrar como Leandro Gomes de Barros incorporou alguns desses ideais propagados na época. O autor demonstra-os nos seus folhetos de cordel, retratando o jogo do bicho de maneira negativa, em que os jogadores e bicheiros são duramente criticados, como no folheto *A mulher do bicheiro*, publicado em 1910. Observa-se o posicionamento do autor ao retratar a profissão de um dos personagens: “Meu officio é vender bichos/ Profissão de vagabundo.” (BARROS, 1910, p. 1). Em virtude disso, verificamos como esse exercício profissional é mostrado como desonesto. Os diversos folhetos do poeta que versam sobre esse tema utilizam da sátira para criticar essa prática relacionada ao jogo, o que trataremos mais adiante.

### **A sátira ao jogo do bicho**

A sátira se configura como uma forma de crítica a certas instituições, costumes e pessoas. Para isso, muitas vezes faz-se uso da ridicularização de tipos, os retratando de maneira caricata, algumas vezes induzindo ao riso com o objetivo do ataque, motivando a mudança do comportamento. No seu livro *Anatomia da crítica* (1957), Northrop Frye propõe uma definição para a sátira:

A sátira é ironia estruturalmente próxima ao cômico: a luta cômica de duas sociedades, uma normal e outra absurda, reflete-se em seu duplo foco de moralidade e fantasia. A ironia com pouca sátira é o resíduo não heróico da tragédia, centrado num tema de derrota perplexa. Duas coisas, pois, são essenciais à sátira; uma é a graça ou humor baseado na fantasia ou num senso

de grotesco ou absurdo, a outra destina-se ao ataque. O ataque sem humor, ou pura denúncia, forma um dos limites da sátira. (FRYE, 1973, p. 220)

Observa-se que entre as características típicas da sátira apresentadas, o elemento ligado à fantasia e ao absurdo pode estar presente gerando o humor. O teórico Frye (1957) também nos diz que o satirista tende a selecionar as absurdidades, e esse é um ato moral. Nesse sentido, percebe-se que esses traços se fazem presentes no cordel denominado *A morte do bicheiro* (1912). O enredo dessa estória narra os acontecimentos da vida de um homem rico, que aniquila seus bens no jogo e continua fazendo apostas que não resultam em ganhos significativos. Por causa do vício excessivo, acaba ficando doente e falecendo. Entre os fatos que ocorrem antes do seu falecimento, o indivíduo é visitado pela figura da morte.

Ahi a febre cresceu  
Elle viu uma mulher  
Então elle perguntou-lhe  
Minha senhora o que quer  
Se me traz algum palpite  
Diga lá o que quizer.

Ella fez uma câreta  
Puchou um nojento sacco  
Que trazia na algibeira  
De um velho e sujo casaco,  
Elle chamou a mulher  
E disse o bicho é macaco.

Perguntou elle a visão  
Para onde é que se bóta  
Donde vem p'ra onde vai  
Com semelhante derrota  
Terá vindo vender bicho  
Se vem deixe a nota

Disse a visão: você veja  
Que não sou de brincadeira  
Eu entro em todas as casas  
O dono queira ou não queira,  
Venho avisal-o, o senho  
Está na hora derradeira.

[...]

A visão saiu e disse  
Chame o padre e se confesse,  
Disse o doente eu pensei  
Que essa besta me trouxesse  
Um palpite que jogasse.  
E de tarde o bicho desse.  
(BARROS, 1912, p. 4-5)

Pode-se constatar que a “morte” é uma figura alegórica, tendo em vista que, de abstração, eleva-se a uma realidade concreta. Nesse pequeno trecho, verifica-se a presença da fantasia, em razão de o homem, um ser mortal, conseguir conversar com um ser imortal. Além disso, nota-se que ele não demonstra medo da morte, chegando a caçar da mesma, conforme reconhece a própria, na quarta estrofe, no primeiro e segundo versos: “Disse a visão: você veja/ que não sou de brincadeira”. O personagem, que é jogador do bicho, não exerce nenhuma preocupação com seu estado avançado de doença e com o significado da visita desse ser na sua casa. Ele se apresenta de certa forma ingênuo nesse primeiro momento. Ademais, percebe-se pelas constantes falas do rapaz que está doente quão viciado ele está no jogo, pois mesmo se encontrando nessa situação de falência e doença, não demonstra preocupação, só se interessa por temáticas da jogatina.

Verifica-se que o mesmo se torna um dependente que só faz associações relacionadas ao jogo, como, por exemplo, na segunda sextilha: “E disse o bicho é macaco”. Nesses versos, percebemos que ele compara as características físicas da morte com as do animal que está presente na tabela do jogo. Além disso, pergunta se a morte é vendedora do jogo do bicho, no quinto e sexto versos, da terceira sextilha: “Terá vindo vender bicho/ Se vem deixe a nota”. Percebe-se, na primeira sextilha, que o personagem pergunta se a mesma tem algum pressentimento de qual será o animal sorteado: “Se me traz algum palpite/ Diga lá o que quiser”. Sendo assim, compreendemos que ocorre uma sátira ao vício do personagem, que, por causa da sua dependência, torna-se de certa forma alienado, expressando uma fixação em relação ao jogo.

Os versos de Leandro Gomes de Barros, em seu folheto *A morte do bicheiro*, apresentam o uso da fantasia, característica que, segundo Frye (1957), pode estar presente na sátira. Na estória, ela é expressa por meio da presença do ser sobrenatural que vem dar a sentença de morte para o homem, que por meio das associações que faz com a jogatina demonstra seu vício excessivo. Na leitura da narrativa, notamos os contornos que o envolvimento na prática do jogo resulta na vida do personagem, que começa perdendo seus bens materiais e o controle sobre suas atitudes, e, por fim, perde sua vida. Conforme o autor já expõe no início da estória: “Não achou quem lhe dissesse/ Que o bicho não alisava” (BARROS, 1912, p. 3). O personagem envolvido com a jogatina se ilude com a esperança de ganho fácil e acaba perdendo tudo, inclusive sua vida.

Os personagens viciados dentro dos cordéis de Barros geralmente realizam atitudes compulsivas de vender bens materiais para continuar jogando, demonstrando um descontrole por parte dos mesmos. Isso acaba os caracterizando como escravos dos seus vícios. Em relação a

essa última característica, João Adolfo Hansen, em seu livro *A sátira e o engenho* (1989), em que aborda alguns poemas satíricos de Gregório de Matos, nos diz que:

A repetição dá conta do gesto do satirizado; como um tipo, é personagem do gesto único, da ação única, do desejo único, maníaco: mercador e usura; padre e luxúria; puta e desonestidade; governador e tirania; cristão-novo e heresia; pseudo-fidalgo e presunção; letrado e estupidez. Relação, portanto, de repetição e de descrição, que sempre encenam a memória de uma convenção coletiva do corpo, e que aqui explicita uma das articulações políticas da sátira. Ao construir seu tipo como maníaco, a sátira constrói também a interpretação obsessiva que o faz não-livre, pois em todas as ocasiões só obedece à mesma paixão que o escraviza. (HANSEN, 1989, p. 308)

Partindo da leitura do folheto *O homem que vendeu o santo para jogar no bicho* (1911), notamos uma relação semelhante, em que o personagem se torna escravo do seu vício, com gestos e descrições típicas de um dependente da jogatina. Conforme veremos a seguir:

Eu possuía uma venda.  
Estava bem afreguezado;  
Calculei que se jogasse  
Tinha melhor apurado,  
Como de facto joguei  
Mas depois me viciei  
Ahi não pude deixar,  
Meti a venda no jogo,  
Foi como a pólvora de fogo,  
Custou pouco se acabar.  
(BARROS, 1911, p. 2)

Pude tirar da mulher  
Um vestido de fazenda,  
Um broche e um par de meia  
E um casaco de renda,  
Tirei um cinto de couro,  
Um par de brincos de ouro,  
Panno de dois aventaes,  
Um grampo e uma marrafa;  
Vendi até a garrafa  
Em que se comprava gaz.

Lá em casa tinha um santo  
Que era por todos adorado,  
Quer ver o que eu fiz com elle?  
Troquei-o por um veado  
E era um São Frustuoso,  
Santo muito milagroso  
E que sonho eu tinha tido!  
Me confiei, fui jogar,  
A tarde foi o lugar  
Mas limpo que tinha havido.  
(BARROS, 1911, p. 3)

A velha tinha um São Braz  
Pendurado no pescoço  
Na lucta pude tiralo  
E coloquei-o no bolço  
A mulher tinha um bentinho  
Junto com outro santinho  
Tudo na lucta eu tirei  
Apurei quatro mil réis  
Joguei 4 jacarés  
Porém de tarde rodei.  
(BARROS, 1911, p.7)

Primeiramente, detemo-nos na leitura dos trechos acima, nos três últimos versos da primeira estrofe: “Metti a venda no jogo/ Foi como a pólvora de fogo/ Custou pouco se acabar.” Nota-se que o protagonista da estória, que é um comerciante, liquidou seu único meio de sustento, seu e de sua família. A relação de trabalho depois que o mesmo começa seu envolvimento no jogo é inexistente. Isso vai ao encontro do que era propagado pelos ideais da época em relação às atitudes de quem estava envolvido com o jogo, ou seja, que este resultava em uma atividade danosa, que afastava o indivíduo do trabalho.

O comerciante passa a não ser mais o provedor do sustento da casa, posição geralmente atribuída ao homem. O mesmo tomou essa atitude de realizar apostas acreditando em uma melhoria de situação de vida, conforme é descrito também na primeira décima, do terceiro ao quarto versos: “Calculei que se jogasse/ Tinha melhor apurado”. Porém, isso não ocorre e o mesmo, ao contrário do que acreditava inicialmente, acaba falido e se envolve em diversas situações embaraçosas por causa do seu vício.

As atitudes do homem que se torna dependente do vício são típicas de um viciado que recorre à venda de seus bens materiais e os aniquila rapidamente. Começou vendendo os utensílios da casa, acessórios da esposa e nem mesmo os artefatos religiosos, os santos, que são considerados sagrados pelo credo católico, ficam longe de sua mira. Em um primeiro momento, empenha o São Frustoso, acreditando em um palpite de um sonho. Entendemos que o personagem perdeu o respeito até mesmo por essas figuras sagradas, conforme percebemos quando o homem tenta ludibriar sua esposa, que percebe o sumiço do santo: “Eu disse: foi visitar outro santo milagroso.” (BARROS, 1911, p. 3).

Compreende-se que o homem eleva o jogo do bicho ao patamar da figura sagrada. Entretanto, como a sogra e a filha já conheciam as atitudes do homem, acabam não acreditando no mesmo e recorrem para a violência: “Então a velha chegou/ E descarregou o braço!/ Disse a filha eu dou nas vendas./ E você no espinhaço/ Depois d'elle bem moido/ Este safado, atrevido,/

Mostra onde estar o santo,/ Elle tem que se apertar/ Somos duas para dar/ Cada qual bate n'um canto.” (BARROS, 1911, p. 6). A estória até esse ponto explicita como o jogo pode ser degradante para a vida do homem que chega compulsivamente a vender várias coisas, faz uso da mentira e apanha de mulheres, de quem demonstra medo inicialmente por causa dos desvios de conduta. Esse fato ridiculariza o personagem, que, por causa do vício, é submetido a essa situação mal vista para a sociedade patriarcal da época, em que o marido deveria revelar virilidade e comando sobre sua casa.

É notório que a estória produz um personagem que é um tipo: o viciado; de ação, gesto, desejo único. O jogador que fará de todos os meios para continuar realizando as apostas, mesmo que recorra a atitudes condenáveis no final do enredo, como revidar a violência da sogra e da esposa: “Metti o braço na velha/ Derrubei ella e a filha.” (BARROS, 1911, p. 6). Não apenas as agride, como também não perde a oportunidade de roubá-las mais uma vez, conforme assinalamos nos versos mais acima, do primeiro ao quatro da quarta estrofe, em que subtrai um colar de São Brás da sogra e um bentinho da esposa para realizar mais uma aposta. De fato, as atitudes do mesmo o caracterizam como um escravo do seu vício, um obcecado pelo jogo do bicho.

Inferimos que o autor expõe, mesmo que com certo exagero, as atitudes do rapaz satirizando o vício do personagem; demonstra até que ponto o jogo do bicho poderia levar o jogador a realizar atitudes insensatas e ridículas. O próprio protagonista reconhece no final do texto os erros cometidos por causa do jogo, culpabiliza o vendedor das apostas, o bicheiro, por trazer malefícios para sua vida e expressa que dali por diante teria aversão ao mesmo e seus produtos: “Tambem d’esse dia em diante,/ Jurei por Deus verdadeiro/ Não pegar mais em talão,/ Nem dar mais agua a um bicheiro,/ Foi quem me fez a caipora,/ Fez-me botar tudo fora/ Foi uma miséria rara;/ É mesmo por um capricho/ Quando um me oferece bicho/ Bato-lhe a porta na cara.” (BARROS, 1911, p. 8).

Constitui outro aspecto dos folhetos de Barros o uso da paródia, como em *A ausência dos bichos* (1911), que retrata em seu enredo uma série de personagens ridicularizados porque reivindicam a volta das apostas que haviam sido proibidas pelo Governo republicano. A data de publicação desse folheto é próxima de um momento em que houve um maior combate aos jogos ilegais, pois as autoridades criaram no fim de 1910 a lei nº 2.321, que explicava melhor conceitos e punições para os envolvidos em jogos de azar. O autor paraibano retratou esse acontecimento no seu folheto e usou a paródia satírica como um recurso para criticar os adeptos pela volta do jogo do bicho.

A paródia é uma característica frequente dentro da sátira. Conforme Hanssem descreve:

[...] a sátira mistura tópicas variadas de invenção retórico-poética, amplificando formas e procedimentos de elocução. Ressalta, na sua voz fantástica, o hibridismo, na medida mesma em que é constituída de citações eruditas, de sentenças irônicas, de descrições hiperbólicas e vilezas de estilo baixo e sórdico, de paródias dos gêneros elevados etc. (HANSEN, 1989, p. 225-226)

Sendo assim, no trecho da narrativa abaixo, percebemos o uso desse último recurso, a paródia, que modifica o conteúdo textual extraliterário, a oração religiosa:

Muito me impressionou  
E chamou tudo atenção,  
Foi um velho ajoelhado  
Como quem faz oração  
Chamando o nome dos bichos  
Numa grande exclamação:

Avestruz, ave celeste  
Tem piedade de nós!  
De que forma fica o mundo  
Sem o auxílio de vós  
Desde que os bichos faltaram  
O povo todo anda atroz.

Aguia! Aguia! Socorrei-nos!  
Ó burro, tem compaixão!  
Minha linda Borboleta  
Nao vês a nossa aflição?  
Rogae por nos ao governo  
Pedindo a sua atenção.

E vos meu rico cachorro  
Com vossa nobre presença  
Acuae esses banqueiros  
Até arranjam licença,  
Desterrae do nosso estado  
Essa maldita sentença.

Cabra, Carneiro, Camelo,  
Cobra, coelho e cavalo,  
Convidae o Elefante,  
Se juntem todos ao Galo  
Vê se acabam com a maldita  
Loteria de São Paulo.

Gato, mostrae vossas unhas,  
Jacaré, cadê teu dente?  
Ó poderoso Leão  
Nao dizem que és tão valente?  
Ó macaco faz careta  
Que agrade ao presidente...

Porco tem muita preguiça,  
Pavão é um pássaro lorde,  
Peru, é bicho de festa  
Para greve não acóde  
O touro tem muita força  
Porém querendo não póde.

O tigre mata a traição,  
O Urso causa terror,  
Veado, por sua parte,  
Diz: Eu sou bom corredor,  
A vaca diz: Tenho têtas,  
Mas não é para jogador.  
(BARROS, 1911, p.3-5)

O autor produziu a paródia de uma oração, uma prece. Nela verificamos como a reivindicação contra proibição da época é apresentado. Nos versos do folheto, percebemos na quarta sextilha, do quarto ao sexto versos, o combate mais forte ao jogo: “Acuae esses banqueiros/ Até arranjarem licença,/ Desterrae do nosso estado/ Essa maldita sentença”. Essa medida ocorreu em todo território nacional, chegando às cidades nordestinas. Como os folhetos do cordelista eram vendidos principalmente no Nordeste, deduzimos que essa prática também tivesse chegado a essas localidades. Nota-se nos versos citados que o personagem pede auxílio ao cachorro para que este recorra aos banqueiros. Há um conhecimento de como esses poderiam ajudar na volta das apostas, pois são donos do capital do jogo, quem realiza os pagamentos dos prêmios, contrata os vendedores e fica com a maior parte do lucro dessa atividade.

Em seu trabalho, o pesquisador Magalhães (2011) explica como ocorreu esse combate ao jogo. Uma das maneiras foi especificar melhor os conceitos sobre o jogo do bicho na legislação. Para isso, foi criada a lei 2.321, em dezembro de 1910. Este utiliza como suporte teórico os estudos de Armando Vidal presentes na sua obra *O jogo, a administração e a justiça* (1917), que nos ajudam a entender como isso ocorreu:

Segundo essa nova determinação considerava “loteria ou rifa qualquer operação, sob qualquer denominação, em que se faça depender da sorte, qualquer que seja o processo de sorteio, a obtenção de um prêmio em dinheiro ou em bens móveis ou imóveis”. Aqui já surgia uma discreta menção ao jogo do bicho: “entre os processos de sorteio a que se refere o N° 1 do parágrafo antecedente estão compreendidos os símbolos, as figuras e as vistas cinematográficas”. As penas foram reajustadas, 2 a 6 meses de prisão, multa de até 2 contos de réis e perda dos bens que versassem sobre a prática da loteria. (*apud* MAGALHÃES, 2011, p. 155-156)

Partindo disso, acreditamos que, com as penas e multas mais severas, os vendedores passaram a faturar menos com a venda das loterias ilícitas, pois a população passou a diminuir

as apostas com receio das punições legais. Barros também expressa o conhecimento sobre um dos motivos da restrição. Isso é mostrado na quinta estrofe, do quinto ao sexto versos dos trechos acima: “Vê se acabam com a maldita/ Loteria de São Paulo”. Essa loteria era lícita, e, portanto, era relevante para o Governo o seu funcionamento, pois gerava lucros, ao contrário das loterias ilícitas, que só geravam prejuízo para os cofres públicos.

Na leitura dos trechos, o leitor logo percebe que o autor fez uma intertextualidade explícita com uma oração. Houve uma dessacralização da mesma, não visando a criticar o credo católico, mas sim retratar de maneira cômica e ridícula o personagem que realiza a mesma. Inferimos isso, pois todos os personagens dentro da estória clamam, intercedem e expressam um excesso de lamentação, indignados pelo sumiço dessa prática. Nos trechos acima, um jogador intercede pela volta do jogo do bicho, colocando os animais em um patamar sagrado.

Na leitura dos versos, observamos que o gênero jaculatório a que pertence a oração sofreu modificações no seu sentido. Em vez de ocorrer o clamor visando à obtenção de graças através dos santos, que são figuras sagradas, estes são substituídos pelos animais presentes na tabela do jogo do bicho. Todos os vinte e cinco foram assinalados na “oração” em ordem alfabética. Os animais são personificados, pois lhe são atribuídas características humanas. Entendemos que o escritor usa esse folheto para satirizar os adeptos pela volta do jogo do bicho. Portanto, no trecho acima, faz-se uso de uma paródia satírica como auxílio para retratar o vício do personagem, que chega a agir de maneira cômica e ridícula.

### **Considerações finais**

Em síntese, procuramos apresentar nesse trabalho o contexto em torno do jogo do bicho, mostrando como o mesmo representava uma temática de grande popularidade nos primeiros anos da República Velha. Esse jogo foi alvo de diversas tentativas de extinção tanto por parte da burguesia como do Governo, pois o mesmo representava uma ameaça aos ideais que os burgueses e o poder político tentavam instituir na época, como os voltados para o trabalho e a produção. Além disso, o jogo ameaçava os interesses financeiros das autoridades que desejavam o monopólio sobre as apostas.

Essas mesmas autoridades propagavam que a jogatina era uma “ameaça” à moral e representava uma prática nociva para a população, já que seria praticada por jogadores e vendedores que não ganhavam a vida de forma digna. Um aliado dessas concepções foi a imprensa, que disseminou o aspecto negativo em torno do jogo, ajudando a cristalizar no imaginário coletivo os seus malefícios.

Leandro Gomes de Barros, que foi um importante cordelista da época, apresentou aos leitores de seus folhetos os episódios que ocorriam no país, e não deixou de falar sobre o jogo do bicho. O autor demonstra uma reprovação à jogatina. Todavia, é importante ressaltar que o poeta não defende posições de origem burguesa ou política, pois em muitos cordéis ele se mostra um antirrepublicano, chegando a atribuir a culpa desse e outros “flagelos” ao governo vigente. Uma das razões para o escritor criticar a República seria porque ela, embora buscasse passar a imagem de seguir valores moralistas, tinha como objetivo nivelar a sociedade ao cosmopolitismo francês.

Portanto, enquanto a República maldiz a jogatina por interesses financeiros e por razões cosmopolitas disfarçadas num falso moralismo, Gomes de Barros critica o jogo do bicho pela sua culpa na destruição do patrimônio das famílias, da harmonia familiar e do próprio respeito pelo homem, pois segue princípios cívico-morais ligados à Monarquia. Daí o autor realiza críticas à jogatina por meio da sátira. Ele ridiculariza os personagens que demonstram vício excessivo, manias e hábitos relacionados ao jogo. Acreditamos que o poeta usa dos versos para mostrar os malefícios da prática à sociedade e para conduzir os envolvidos a uma mudança de comportamento. Por fim, é relevante compreendermos o papel essencial que a crítica exerceu no final do séc. XIX e início do séc. XX, tanto por meio da literatura, aqui em forma de folhetos de cordel, como também nos jornais, auxiliando na formação das massas em torno da temática do jogo do bicho.

### **Referências**

BARROS, Leandro Gomes de. **A mulher do bicheiro, Morte de Alonso e Vingança de Marina** (conclusão) [folheto de cordel]. Recife/PE, s. n., 1910. (coleção Casa Rui Barbosa).

BARROS, Leandro Gomes de. **A ausência dos Bichos** [folheto de cordel]. Belém/ PA: Ed. Guajarina: Casa editora de Francisco Lopes, 1910. (coleção Casa Rui Barbosa).

BARROS, Leandro Gomes de. **A morte do bicheiro, O boi misterioso** (5º volume) [folheto de cordel]. Recife/ PE: Jornal do Recife, 1912. (coleção Casa Rui Barbosa).

BARROS, Leandro Gomes de. **O homem que vendeu o santo para jogar bicho, Uma viagem ao céu** [folheto de cordel]. S. l., Typographia Moderna, 1911. (coleção Casa Rui Barbosa).

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo, Cultrix, 1973.

GASPARIN, Marinete. **Prazer e Sorte: o jogo do bicho em Porto Alegre (1893-1903)**. 150f. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XII. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de Sorte**: o futebol e o jogo do bicho na *Belle Époque* Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

KRELLING, Carolina Malagoli. **A noção de “jogo de azar” entre o direito brasileiro e o direito italiano**: aspectos penais e civis do jogo de azar nos séculos XIX – XX. 170f. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MAGALHÃES, Felipe Santos. **Ganhou leva... do vale o impresso ao vale o escrito**: Uma história social do jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960). 186f. 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SCHERER, Martha. **Bilac – sem poesia**: Crônicas de um jornalista da *Belle Époque*. 2008. 259f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SUASSUNA, Ariano. Notas sobre o Romancero Popular do Nordeste. In: \_\_\_\_\_. **Seleção em Prosa e Verso**. Org. Silvino Santiago. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 249-284.

**Recebido em: 28/07/2020 Aceito em: 29/09/2020**